

# *Auto dos Anfatriões*

## **de Luís de Camões**

Feito por Luís de Camões, no qual entram as figuras seguintes: Anfatrião; Almena, sua mulher; Sósia, seu moço; Brómia, sua criada; Belferrão, patrão; Aurélio, primo dela, com seu moço; Júpiter e Mercúrio; e entra logo Almena, saudosa do marido, que é na guerra, e diz:

ALMENA

Ah! Senhor Anfatrião  
Onde está todo meu bem!  
Pois meus olhos vos não vêem,  
Falarei co'o coração,  
Que dentro n'alma vos tem.  
Ausentes duas vontades,  
Qual corre mores perigos,  
Qual sofre mais crueldades:  
Se vós entre os inimigos,  
Se eu entre as saudades?

Que a Ventura, que vos traz  
Tão longe de vossa terra,  
Tantos desconcertos faz,  
Que se vos levou à guerra,  
Não me quis deixar em paz.  
Brómia, quem, com vida ter,  
Da vida já desespera,  
Que lhe poderás dizer?

BRÓMIA

Que nunca se viu prazer,  
Senão quando não se espera.

E portanto não devia  
De ser triste a fantasia;  
Porque Vossa Mercê creia  
Que o prazer sempre salteia  
Quem dele mais desconfia.  
Eu tenho no coração,  
Do Senhor Anfatrião  
Venha hoje alguma nova:

Não receba alteração,  
Que a verdadeira aflição  
Na longa ausência se prova.

#### ALMENA

Dizei logo a Feliseu  
Que chegue muito apressado  
Ao cais, e busque meio  
De saber [se] algum recado  
Do porto pérsico veio.  
E mais lhe haveis de dizer  
(Isto vos dou por ofício)  
De alguma nova saber,  
Enquanto eu vou fazer  
Aos Deuses sacrifício.

#### BRÓMIA

Saudades de minha ama,  
Chorinhos e devações,  
Sacrifícios e orações,  
Me hão-de lançar numa cama,  
Certamente.  
Nós, mulheres de semente,  
Somos sedenho tão tosco!...  
Com qualquer vento que vente,  
Queremos forçadamente  
Que os Deuses vivam connosco.

Quero Feliseu chamar,  
E dizer-lhe aonde há-de ir.  
Mas ele, como me vir,  
Logo há-de querer rinchar,  
De travesso.  
Eu que de zombar não cesso,  
Por ficar com ele em salvo,  
Lanço-lhe um e outro remesso:  
Aos seus furto-lhe o alvo,  
E então ele fica avesso.

Porque o melhor destas danças  
Com uns vendiços assi,  
É trazê-los por aqui  
Ao cheiro das esperanças,  
Por viver.  
Há os homem de trazer  
Nos amores assim mornos,  
Só para ter que fazer,  
E depois, ao remeter,

Lançar-lhe a capa nos cornos.

Feliseu, se estais à mão,  
Chegai cá, vem como um gamo;  
Bem sei que não chamo em vão.

(Vem Feliseu)

FELISEU

Chamais-me? Também vos chamo;  
Porém eu ouço, e vós não.  
Senhora, que me matais!  
Se vós já nunca me ouvis,  
Ou me ouvis e vos calais,  
Dizei: porque me chamais,  
Se me vós a mim fugis?

BRÓMIA

Eu vos fujo?  
Feliseu Fugis, digo,  
De dar a meus males cabo.

BRÓMIA

Sabei que desse perigo  
Não fujo como do imigo,  
Fujo como do diabo.

FELISEU

Dai ao demo essa tenção,  
Usai antes de cortês,  
Caí vós nesta razão.

BRÓMIA

Do perigo fogem os pés,  
Do diabo o coração.

FELISEU

Dizeis-me que nessa briga  
Do meu coração fugis.

BRÓMIA

Ainda que eu isso diga...

FELISEU

Ah! minha doce inimiga!  
Bem sinto que me sentis;  
Mas para que me chamais?

BRÓMIA

Manda-vos minha Senhora  
Que chegueis daqui ao cais,  
E algumas novas saibais  
De Anfatrião nesta hora.

FELISEU

Quem as não sabe de si,  
De outrem como as saberá?

BRÓMIA

Não nas sabeis vós de mi?

FELISEU

Má trama venha por ti,  
Dona feiticeira má!  
Porque não me olhas direito,  
Cadela, que assim me cortas?

BRÓMIA

Porque vos quero dar portas;  
Que, se eu olhar de outro jeito,  
Trarei cem mil vidas mortas.

FELISEU

E pois para que me andais  
Enganando há cem mil anos?

BRÓMIA

Dou-vos vida com enganoso.

FELISEU

Nesses enganinhos tais  
Acho cruéis desenganos.

BRÓMIA

Quanto a esses vos quero eu dar:  
Vós cuidais que estais na sela?  
Pois podeis-vos descer dela,  
Que eu nunca vos pude olhar.

FELISEU

Jogais comigo à panela?

Tendes-me há tanto cativo,  
E desenganais-me agora?  
Tudo isto é o que privo!  
Assim, que é isso, Senhora?  
Dou-che-lo morto, dou-che-lo vivo?  
Se me vós desenganais  
No cabo de tantos anos,  
Direi, se licença dais:  
Dais-me vida com enganãos.  
Desenganãos, já chegais.

Mas se isso havia de ser;  
Dizei, má desconhecida,  
Desterro de meu viver,  
Que vos custava dizer:  
Amor, vai buscar tua vida?

BRÓMIA

Zombais? Falais-me coprinhas?

FELISEU

Rir-vos-eis, se vem à mão.  
Copras não, mas isto são  
Ansias y pasiones minhas  
Dos bofes e coração.

BRÓMIA

Is-vos fazendo de uns sengos...

FELISEU

Perdóneme Dios, si peço.

BRÓMIA

Nesses dentinhos flamengos,  
Conheço que sois um peço

De todos quatro avoengos.

FELISEU

Tudo vos levo em capelo,  
Já que estais tanto em abraço.  
Porém, falando singelo,  
A furto desse mau zelo,  
Quereis-me dar um abraço?

BRÓMIA

Ora digo que não posso  
Usar convosco de fero.  
Tomai-o.

FELISEU

Já o não quero,  
Porque esse abraço vosso,  
Sabei que é engano mero.

BRÓMIA

Oh! vós sois de uns sabores...  
Abraço pedis assim?  
Se eu remango de um chapim...

FELISEU

Tudo isso são favores.  
Zombai, vingai-vos de mim.

BRÓMIA

Vós, de furioso touro,  
As garrochas não sentis.

FELISEU

Vedes, com isso sou mouro:  
Quando cuido que sois ouro,  
Acho-vos toda ceitis.

BRÓMIA

Enfim, sanha de vilão  
Vos fez perder um bom dia.

FELISEU

Já agora o eu tomaria;  
Quereis-mo dar?

BRÓMIA

Ora não.  
Cocei-vos eu todavia.

FELISEU

Pois, Senhora, a quem vos ama  
Sois tão desarrazoada,  
Quero tomar outra dama;  
Que não digam os de Alfama  
Que não tenho namorada.

BRÓMIA

Deixai-me.

FELISEU

Vós me deixais.

BRÓMIA

Deixai-me.

FELISEU

Zombais de mi?

BRÓMIA

Deixai-me. Pois me enjeitais,  
Eu me ausentarei daqui,  
Onde me mais não vejais.

FELISEU

Boa está a zombaria!

BRÓMIA

Não são essas minhas manhas.

FELISEU

Porém, is-vos todavia?

BRÓMIA

Voyme a terras extrañas  
Adó Ventura me guía.

(Vai-se Brómia e diz)

FELISEU

Fantasia de donzelas,  
Não há quem como eu as quebre;  
Porque certo cuidam elas  
Que com palavrinhas belas  
Vos vendem gato por lebre.

Esta tem lá para si  
Que eu sou por ela finado,  
E crê que zomba de mim;  
E eu digo-lhe que sim,  
Sou por ela esperdiçado.  
Preza-se dumas seguras;  
E eu não quero mais Frandes:  
Dou-lhe trela às travessuras,  
Porque destas coçaduras  
Se fazem as chagas grandes.

Que estas, que andam sempre à vela,  
Estas vos digo eu que coço;  
Porque, de firmes na sela,  
Crêem que falsam a costela,  
E ficam pelo pescoço.  
Que quando estas damas tais  
Me cacham, então recacho.  
Mas disto agora não mais.  
Quero-me ir daqui ao cais,  
Ver se algumas novas acho.

(Vai-se Feliseu e vêm Júpiter e Mercúrio, e diz Júpiter:)

JÚPITER

Oh! grande e alto destino!  
Oh! potência tão profana!  
Que a seta de um minino  
Faça que meu ser divino  
Se perca por cousa humana!  
Que me aproveitam Céus  
Onde minha essência mora  
Com tanto poder, se agora

A quem me adora por Deus,  
Sirvo eu como senhora?

Oh! que estranha afeição!  
Quem em baixa cousa vai pôr  
A vontade e o coração,  
Sabe tão pouco de Amor  
Quão pouco Amor da razão.  
Mas que remédio hei-de ter  
Contra mulher tão terrível,  
Que se não pode vencer?

MERCÚRIO

Alto Senhor, a teu poder  
O difícil lhe é possível.

JÚPITER

Tu não vês que esta mulher  
Se preza de virtuosa?

MERCÚRIO

Senhor, tudo pode ser;  
Que para quem muito quer,  
Sempre a afeição é manhosa.  
Seu marido está ausente  
Na guerra, longe daqui;  
Tu, que és Júpiter potente,  
Tomarás sua forma em ti,  
Que o farás mui facilmente.

E eu me transformarei  
Na de Sósia, criado seu;  
E ao arraial me irei,  
Onde logo saberei  
Como a batalha se deu.  
E assim poderás entrar,  
Em lugar de seu marido.  
E para que sejas crido,  
Poderás também contar  
Quanto eu lá tiver sabido.

JÚPITER

Quem arde em tamanho fogo  
Tira-lhe a virtude a cor  
De subtil e sabedor;  
E quem fora está do jogo

Enxerga o lanço melhor.  
Mas tu, que dos sabedores  
Tanto avante sempre estás,  
Se deus és dos mercadores,  
Sê-lo-ás dos amadores  
Pois tal remédio me dás.

Ponha-se logo em efeito,  
Que não sofre dilação  
Quem o fogo tem no peito;  
E tu, vai logo direito  
Onde anda Anfatrião.

(Vão-se e vêm Feliseu e Calisto, e diz Feliseu:)

FELISEU

Adó bueno por aquí.  
Tão longe do acostumado?  
Calisto Mais longe vou eu de mi,  
De ir perto de meu cuidado.

CALISTO

No andar vos conheci.  
Calisto E vós onde vos lançais,  
Com vossa contemplação?

FELISEU

Eu chego daqui ao cais  
A saber de Anfatrião.  
Não sei se vou por demais.

CALISTO

Porque "por demais" dizeis?

FELISEU

Porque nada ali é certo.

CALISTO

Novas lá não nas busqueis,  
Que aqui as tendes mais perto.

FELISEU

Pois dai-mas, se as sabeis.

CALISTO

Um navio é já chegado  
À barra, que vem de lá;  
Traz de Anfatrião recado,  
Diz que o deixa embarcado  
Para se vir para cá.

Tem vencido aquele rei;  
E diz, segundo lhe ouvi,  
Que esta noite será aqui.

FELISEU

Essas novas levarei  
A Almena, que tome em si,  
Porque ela tem maior guerra  
Co'os temores de perdê-lo,  
Que ele co'o rei dessa terra.

CALISTO

Onde amor lançar o selo,  
Nenhuma cousa o desterra.

Porque inda que o pensamento  
Vos fique, Senhor, em calma,  
Por morte ou apartamento,  
Sempre vos lá ficam na alma  
As pegadas do tormento.

FELISEU

Isso é um segredo mero,  
A que o amor nos obriga  
Por isso, em caso tão fero,  
Senhor, nunca ninguém diga:  
Já lho quis, e não lho quero.

Eu quis bem a uma mulher,  
Que vós conhecestes bem,  
E, com muito lhe querer,  
Casou-se.

CALISTO

Oh! e com quem,  
Que ainda o não posso crer?

FELISEU

Com um mercador, que veio  
Agora do Egipto rico.  
Calisto Isso traz água no bico.  
Esse homem é parvo ou feio?

FELISEU

Pois vedes? Disso me pico.

E em pago desta treição,  
Afora outros mil descontos  
Que traz consigo a afeição,  
Sempre os sinais destes pontos  
Trarei no meu coração.  
Calisto Viste-la mais?

FELISEU

Senhor, vi,  
Na janelinha da grade  
Passei, e disse-lhe assi:  
– Casada sem piedade,  
Porque não na haveis de mi?

CALISTO

Que vos disse?

FELISEU

Lá no centro  
Lhe enxerguei pouca alegria;  
E como quem lhe doía,  
Metendo-se para dentro,  
Disse: – Ya pasó folía.

CALISTO

Ah! má sem conhecimento!  
Quem lhe desse mil chofradas!

FELISEU

Senhor, como são casadas,  
Casam-se co'lo esquecimento  
Das cousas que são passadas.

CALISTO

Lembranças de vos deixar  
Picar-vos-ão como tojos.

FELISEU

Senhor, haveis de assentar  
Que onde Amor vos quer matar,  
Siempre allá miran [los] ojos.  
Um mote, Senhor, mandei  
Um dia, estando com febre,  
Só da paixão que tomei.

CALISTO

Pois vejamos quem tem lebre.

FELISEU

Senhor, eu vo-lo direi:

Mote

Vós por outrem, eu por vós;  
Vós contente, e eu penado;  
Vós casada, eu cansado.  
P'los santos de minha dona!

CALISTO

Senhor, vós só [o] fizestes?

FELISEU

Sim, que ninguém me ajudou.

CALISTO

Se vós só o compusestes,  
Crede que extremos dissestes.  
Nunca Orlando tal falou!  
Senhor, fizestes-lhe pé

FELISEU

Senhor, sim; todo um ano...  
Vós zombais, se não me engano.

CALISTO

Não, mas dou-vos minha fé  
Que nunca vi tão bom pano.

FELISEU

Ora olhe vossa Mercê:

Volta

Olhai em quão fundos vaus  
Por vossa causa me afogo,  
Que outro me ganha o jogo,  
E eu triste pago os paus.  
Olhos travessos e maus,  
Inda eu veja o meu cuidado  
Por esse vosso trocado.

CALISTO

Não mais, que isso me degola.

FELISEU

Senhor, eu haja perdão.

CALISTO

Fizestes esse rifão  
Em algum jogo de bola?  
E foi-lhe ele ter à mão?

FELISEU

Digo-vos que o viu, e lho leu  
Um moçoquinho de escola.

CALISTO

Está isso assim do Céu.  
Sabe ela jogar a bola?

FELISEU

Não.

CALISTO

Pois não vos entendeu.

Ora eu já cheguei a ler

Petrarca, e crede de mi  
Que nunca tal cousa vi.  
Onde mora o bom saber,  
Logo dá sinal de si.  
Onde casada pusestes,  
Dizei, porque não dissestes  
La que yo vi por mi mal?

FELISEU

Renunciava o metal;  
Que em rifõezinhos como estes  
Há-de-se pôr tal com tal.

Que a trova trigo-tremês  
Há-de ser toda de um pano;  
Que parece muito inglês  
Num pelote português  
Todo um quarto castelhano.  
Ouvi outra também minha,  
Que fiz a certa tenção,  
Clara, leve, bonitinha,  
De feição que esta trovinha  
É trovinha de feição.

Como eu um dia me visse  
Morto, e a mão na candeia,  
E ela não me acudisse,  
Fiz-lhe esta, porque sentisse  
Que dava os fios à teia.  
E o propósito é  
Andar eu um dia só;  
E para que houvesse dó  
De mim e de minha fé,  
Lamentei-lhe como Jó.

CALISTO

Andastes, Senhor, mui bem.

FELISEU

Ora, Senhor, atentai,  
E vede o saibo que tem,  
Se é para a ver alguém.

CALISTO

Ora dizei.

FELISEU

Ei-la vai:

Trova

Coração de carne crua,  
Vê-lo teu amor aqui,  
Que esmorecido por ti  
Jaz no meio desta rua.

CALISTO

Na rua, Senhor, jazia?  
E era em tempo de lama?

FELISEU

Senhor, quem fala a quem ama,  
De si mesmo se não fia.  
Haveis de mentir à dama.

CALISTO

Volta disso?

FELISEU

Singular,  
Senão que é muito sentida;  
Far-vos-á, Senhor, chorar.

CALISTO

Oh! diga, por sua vida!

FELISEU

Farei o que me mandar.

Volta

Porque não hás dele mágoa,  
Ó dura mais que ninguém,  
Que anda o triste, que não tem  
Quem lhe dê uma vez de água?  
Não lhe negues teu querer,  
Pois te não custa dinheiro;  
Que, enfim, por derradeiro  
A terra te há-de comer.

CALISTO

Tal trova nunca se viu.  
Agorentaste-a já?

FELISEU

Senhor, não; ainda está  
Como a sua mãe pariu,  
E não está muito má.

CALISTO

É trova que tem por seis;  
Não a posso mais gabar.  
Mas, pois tal cousa fazeis,  
Senhor, não me ensinareis  
Donde vem tão bem trovar?

FELISEU

Não é a cousa tão pequena  
Como, Senhor, a fizestes,  
Essa que agora dissestes.  
Mas, porém, vou dar a Almena  
Estas novas que me destes.  
Depois, Senhor, nos veremos.  
Ficai roendo esse osso.

CALISTO

O roer, Senhor, é vosso.

FELISEU

Pois eu, por mais que zombemos,  
Hei-de ser vosso e revosso.

CALISTO

Oh!... Escusai-vos de extremos,  
Que isso, Senhor, me atarraca.  
Mas nós nos encontraremos,  
E sobre isso envidaremos  
Dois reales mais de saca.

(Vão-se ambos e vêm Júpiter e Mercúrio transformados, Júpiter na forma de Anfatrião, Mercúrio na de Sósia, escravo, e diz Júpiter:)

JÚPITER

Mercúrio, pois sou mudado  
Nesta forma natural,  
Olha e nota com cuidado  
Se está em mim o pintado  
Aparente co'o real.

MERCÚRIO

Quem tão próprio se transforma,  
Tenha por opinião,  
Que na tal transformação  
Lhe prestou Natura a forma  
Com que fez Anfatrião.

JÚPITER

Pois tu no gesto e na cor  
Estás Sósia, escravo seu.

MERCÚRIO

Muito mais farás, Senhor.

JÚPITER

Não no faz senão o Amor,  
Que nisto pode mais que eu.

MERCÚRIO

Já, Senhor, te fiz menção  
Como deu Anfatrião  
A El-Rei Terela a morte;  
Que, na guerra igual, a sorte  
Pode mais que o coração.

E depois de ser tomada  
Toda a cidade, com glória  
De Anfatrião bem ganhada,  
Como em sinal de vitória,  
Esta copa lhe foi dada.  
Por ela bebia El-Rei,  
Enquanto a vida queria;  
E eu, porque te cumpria,  
A seu escravo a furtei,  
Que numa caixa a trazia.

Esta poderás levar

A Almena, por lhe mostrar  
Verdadeiro o que é fingido;  
E desta arte serás crido,  
Sem mais outro ardil buscar.

JÚPITER

Pois tudo tens ordenado  
Por tão nova e subtil arte;  
Como me vires entrado,  
Irás dar este recado  
A Febo, de minha parte:

Que faça mais devagar  
Seu curso neste Hemisfério,  
Que o que sói acostumar;  
Que esta noite hei-de ordenar  
Um caso de alto mistério.  
E à Esfera mais alta  
Mandarás que fixa esteja,  
Porque a noite maior seja;  
Porque sempre o tempo falta  
Onde a alegria é sobeja.

E terás tamanho tento,  
Que, como isto se ordenar,  
Venhas aqui vigiar,  
Porque meu contentamento  
Ninguém mo possa estorvar.

MERCÚRIO

Seja feito sem debate  
Tudo como te convém.

JÚPITER

Pois não parece ninguém,  
Como homem de casa bate,  
E muda a fala também.

(Bate Mercúrio à porta)

MERCÚRIO

Ó de la casa, en buena hora,  
Darmehan de cenar aquí?

Brómia dentro:

Sósia parece que ouvi.  
Alvíssaras, minha Senhora,  
Que na fala o conheci!

Entra Almena e Brómia

ALMENA

Zombais, Brómia, por ventura?

BRÓMIA

Senhora, não zombo, não.

ALMENA

Vejo eu Anfatrião,  
Ou a vista me afigura  
O que está no coração?

JÚPITER

Olhos, diante dos quais  
Desejei mais este dia  
Que nenhuma outra alegria,  
Senhora, nunca creais  
Que lhe minta a fantasia.

ALMENA

Oh! presença mais querida  
Que quantas formou Amor!  
Isto é verdade, Senhor?  
Acabe-se aqui a vida,  
Por não ver prazer maior.

JÚPITER

Pois esta hora de vos ver  
Alcançar, Senhora, pude,  
Para mais contente ser,  
Confirmem co'este prazer  
Novas de vossa saúde.

ALMENA

A vida foi pesada e crua  
À saúde que a sustinha;  
Que enquanto, Senhor, a tinha,  
Temer perigo na sua,

Me fez descuidar na minha.

MERCÚRIO

Y pues, mi Señora Almena,  
Pese al demonio malvado,  
No dirá a un su criado:  
Vengais, Sosia, norabuena?

ALMENA

Sejais, Sósia, bem chegado!

BRÓMIA

Bem mal cri eu que pudesse  
Ver-te, Sósia, hoje aqui.  
MERCÚRIO

Pues también yo no crei  
Que en mi vida te viese,  
Según las muertes que vi.

ALMENA

Muito, Senhor, folgarei  
Com novas do vencimento.

JÚPITER

De tudo quanto passei,  
Por vos dar contentamento,  
Em suma vos contarei.  
Trago, Senhora, a vitória  
Daquele rei tão temido,  
Com fama clara e notória.  
Porém, maior foi a glória  
De me ver de vós vencido.

Sem me terem resistência,  
Os Grandes me obedeceram,  
Como El-Rei morto tiveram;  
Em sinal de obediência  
Esta copa me trouxeram.  
El-Rei por ela bebia:  
(Ela, e tudo o mais é nosso)  
Por onde claro se via  
Que tudo me obedecia,  
Pois tinha nome de vosso.

MERCÚRIO

Sí, mas luego de rondón  
La fortuna dio la buelta.

ALMENA

Como?

MERCÚRIO

Fue gran perdición,  
Porque en aquella rebuelta,  
Me hurtaron mi jubón.  
Pero bien lo pagaron,  
Cando conmigo riñeron;  
Que, aunque me despojaron,  
Si uno de seda llevaron,  
Otro de azotes me dieron.

ALMENA

Senhor, não posso gostar  
De gosto que é tão imenso  
Senão muito devagar.  
Faça-me mercê de entrar,  
E contar-mo-á por extenso.

(Vão-se e fica Mercúrio e Brómia)

MERCÚRIO

Yo también te contaría,  
Bromia, si quedas atrás,  
Que una noche... enojartehas?

BRÓMIA

Que?

MERCÚRIO

Sõnaba que te tenía...  
No me atrevo a decir más.

BRÓMIA

Dize.

MERCÚRIO

Pardiez! no diré.  
Soñaba...

BRÓMIA

Bem. Que sonhavas?

MERCÚRIO

Que cuando en la cama estavas  
Que yo... en fin, recordé.

BRÓMIA

Pois tudo isso receavas?

MERCÚRIO

Sabe Dios qué yo acá siento:  
Sola un alma vive en dos,  
La cual anda dentro en vos.

BRÓMIA

E que quer ela cá dentro?

MERCÚRIO

También eso sabe Dios.

Vai-se Brómia, e diz

MERCÚRIO

Bem se poderá enganar  
Brómia, segundo ora estou,  
Como Almena se enganou;  
Mas cumpre ir ordenar  
O que meu pai me mandou.  
E porque seja guardada  
Esta porta, e vigiada  
De toda a gente nascida,  
Me será cousa forçada,  
Ser tão depressa a tornada  
Quão prestes faço a partida.

(Vai-se Mercúrio e vem Sósia com recado de Anfatrião; Sósia, cantando:)

Anfatrião esforzado

Bravo va por la batalla,  
Siete cabezas llevaba  
De las mejores que ha hablado.

Fala

Quién viene de tierra ajena  
Y de la muerte escapó,  
La razón le permtió  
Que cante como sirena,  
Como agora hago yo.  
Y pues canto tan gentil,  
Fuera canto si muriera,  
Quiero cantar como quiera,  
Una y otra, y más de mil,  
Que digan de esta manera:

Canta

Dongolondron con Dongolondrera,  
Por el camino de Otera,  
Rosas coge en la rosera,  
Dongolondron con Dongolondrera.

Fala

Cuando yo vengo a pensar  
Que uno matarme quisiera,  
No hago sino temblar,  
Porque creo si muriera,  
No pudiera más cantar  
Porque estando en un rincón  
De la casa adó quedé,  
Sentí muy grande ronrón,  
Y mirando, qué miré?  
Vi que era un gran ratón.

Empero yo nunca sigo,  
Sino consejos muy sanos;  
Que en estos casos livianos,  
Quién desprecia el enemigo  
Mil veces muere a sus manos.  
Pero mi Señor allí  
Mató al rey de los Glipazos:  
Yo, como muerto le vi,  
Juro a mi fé, que le di  
Más de dos mil cuchillazos.

Y por me librar de afán,  
Me voy siempre a cosa hecha

Probar mi mano derecha;  
Que aquel es buen capitán  
Que del tiempo se aprovecha.  
Que quién ha de pelear,  
Ha de buscar tiempo y hora.  
Pero quiero caminar,  
Que me muero por contar  
Todo aquesto a mi Señora.

(Vem Mercúrio, e diz:)

MERCÚRIO

Mil vezes comigo vejo,  
Para que meu Pai se afoute;  
Pois em tão pequeno ensejo  
Lhe mandei talhar a noute  
À medida do desejo.  
E pois que como possante,  
A mim tudo se reporta,  
Chego agora neste instante  
A estorvar que este bargante  
Me não chegue a esta porta.

SÓSIA

No sé qué miedo o locura,  
Neste pecho se me cría.  
Por Dios! que se me figura  
Que há mucho que es noche oscura,  
Sin que venga el claro día.  
Mas sabed, que pienso yo  
Que el sol que no se acordó  
De con el día venir,  
Que a noche quando cenó  
Algún buen vino bebió,  
Que le hace tanto dormir.

MERCÚRIO

Já sentes comprida a noute,  
Que eu assim mandei fazer?  
Pois mais te quero dizer,  
Que sentirás muito açoute,  
Se cá quiseres vir ter.  
Porém, pois este bargante  
Tem medroso coração,  
Quero-me fingir ladrão  
Ou fantasma, e por diante  
Não irá, se vem à mão.

E contudo, se passar,  
A fala quero mudar  
Na sua de tal feição,  
Que couces e porfiar,  
Lhe façam hoje assentar  
Que sou Sósia, e ele não.

(Fala castelhano)

No veo pasar ninguno  
En quién yo me pueda hartar.

SÓSIA

A quién oigo aquí hablar?  
Mande Dios no sea alguno  
Que me quiera aporrear.

MERCÚRIO

La carne de algún humano  
Me seria muy sabrosa.

SÓSIA

Oh! qué voz tan temerosa!  
Hombres comes,!oh mi hermano!?  
No es mejor otra cosa?  
Carne humana es muy mezquina.  
Oh! no comas de eso, no!  
Antes carne de gallina.  
Pero, si más se avecina,  
Qué más gallina que yo?

Mercúrio Una voz de hombre ahora  
A la oreja me voló.

SÓSIA

Pésete quién me parió!  
La voz traigo voladora?  
Ella quisiera ser yo.  
Pues mi voz pudo volar  
Do la pudieses oír,  
Por contigo no reñir,  
Me debiera de prestar  
Las alas para huir.

MERCÚRIO

Qué buscas cabe esa puerta,  
Hombre? Sé que eres ladrón.

SÓSIA

Ay que el alma tengo muerta!  
Oh, Júpiter me convierta  
Las tripas en corazón!

MERCÚRIO

Quién eres? quieres hablar?

SÓSIA

Soy quién mi voluntad quiere.

MERCÚRIO

Piensas que puedes burlar?

SÓSIA

Y tú me puedes quitar  
Que yo sea quién quisiere?

MERCÚRIO

Osas hablar tan osado,  
Don bellaco, bobarrón?  
Di, quién eres?

SÓSIA

Un criado  
Del señor Anfatrião,  
Por nombre Sosia llamado.

MERCÚRIO

Pienso que el seso perdiste.  
Como te llamas, mal hombre?

SÓSIA

Sosia soy, si no me oiste.

MERCÚRIO

Cómo? En persona tan triste  
Osas ensuciar mi nombre?

Estos puños llevarás,  
Pues tener mi nombre quieres.  
Me quieres decir quién eres?

SÓSIA

Oh, Señor! no me des más,  
Que yo seré quién tú quisieres.

MERCÚRIO

Con tan nueva falsedad  
Andais por esta ciudad,  
Delante de quién os mira?  
Pues si soís Sosia, tomad!

SÓSIA

Si me das por la verdad,  
Que me harás por la mentira?

MERCÚRIO

Y qué verdad es la tuya  
Que te quiero dar castigo?

SÓSIA

Si no soy Sosia que digo,  
Que Júpiter me destruya!

MERCÚRIO

Mirad el falso enemigo!  
Tomad este bofetón,  
Que yo soy Sosia, y no vos!

SÓSIA

Tú Sosia?

MERCÚRIO

Sosia, por Dios,  
Esclavo de Anfatrion.

SÓSIA

De modo que tiene dos?

MERCÚRIO

No tendrá, aunque tú quieras;  
Que a mí sólo conoció.

SÓSIA

Pues yo luego quién soy?

MERCÚRIO

Si tú no sabes quién eres,  
Quieres que lo sepa yo?

SÓSIA

En fin, me has de hacer creer  
Que yo no soy quién ser solía?

MERCÚRIO

Quién solías tú de ser?

SÓSIA

Treguas me has de prometer,  
Te lo diré sin porfía.

MERCÚRIO

Prometo.

SÓSIA

No me darás?

MERCÚRIO

No, si no fuere razón.

SÓSIA

Pues, hermano, tú sabrás  
Que mi amo Anfatrion...

MERCÚRIO

Tu amo? Pues llevarás!  
Mi amo es, que tuyo no.

SÓSIA

Ay que un brazo me quebró!

MERCÚRIO

Mas que luego te matasse!

SÓSIA

Ojalá Dios ordenase  
Que tú ahora fueses yo,  
Y yo que te desmembrase!

MERCÚRIO

Esa tu tema tan loca  
Puños te la han de quitar.  
Dime, di, verguenza poca,  
Qué hablas?

SÓSIA

Qué puedo hablar  
Si me has quebrado la boca?

MERCÚRIO

Di quién eres, sin fatiga.

SÓSIA

Soy un hombre, en quién tú das.

MERCÚRIO

Dime pues, qué nombre has.

SÓSIA

Cómo quieres tú que diga,  
Para que no me des más?

MERCÚRIO

No me has de hablar contrahecho.

SÓSIA

Toda mi vida pasada  
Sosia fui, y con despecho.  
Ahora soy... qué? No, nada,  
Que tus manos me han deshecho.

MERCÚRIO

Cuyo eres, pues las sientes,  
Dejando consejos vanos?  
La verdad, que si me mientes,  
Das con la lengua en los dientes,  
Y yo te doy con las manos.

SÓSIA

No conoces Anfatrion?

MERCÚRIO

Hombre sin seso te llamo.  
Tan fuera estás de razón!  
Piensas de mí, bobarrón,  
Que no conozco a mi amo?

SÓSIA

En su casa conoceste  
A uno que es Sosia llamado,  
Hombre despreciado y triste?

MERCÚRIO

De esa suerte lo dijiste?!  
Yo soy triste y despreciado!!

Pues sabe que te llegó  
A la muerte tu fortuna.

SÓSIA

Pues, luego, si yo no soy yo,  
Aunque nadie me mató,  
Soy luego cosa ninguna.  
Oh, Dioses! qué desconcierto!  
Yo por ventura soy muerto,  
O murióme la razón?  
Yo no soy de Anfatrion?  
Él no me mandó del puerto?

Yo sé que no estoy loco.  
De mi madre no nací?  
No ando? No hablo aquí?

MERCÚRIO

Pues sosiega ahora un poco,  
Que yo también diré de mí.  
Yo no sé que yo soy yo?  
Yo no te di con mis manos?  
Mi Señor no me llevó  
A la guerra, donde mató  
A aquel rey de los Tebanos?

SÓSIA

Yo eso muy bien lo sé.  
Empero tú, qué hacías  
Cuando la batalla veías?

MERCÚRIO

Escucha: yo lo diré,  
Y cesarán tus porfías.  
Cuando mi Señor andaba  
Peleando, y derramaba  
La sangre de algún mezquino,  
Con una bota de vino  
Yo la mía acrecentaba.

SÓSIA

(Dice lo que yo hacía!)  
Con todo, saber quería  
Sóla una cosa, si puedo:  
Tu pecho entonces sentía...

MERCÚRIO

Del beber gran alegría,  
Y del pelear gran miedo.

SÓSIA

Y después?

MERCÚRIO

Muy reposado

A dormir me eché de grado,  
Desde el sol hasta la luna.

SÓSIA

(Todo lo tiene contado.  
En fin, tengo averiguado  
Que yo no soy cosa ninguna.)

Pues de todo en un instante  
Me has echado de mí fuera,  
Aconséjame siquiera:  
Quién seré daqui adelante,  
Pues no soy quien antes era?

MERCÚRIO

Cuando yo no ser quisiera  
Ese que tú ser deseas,  
Después que ya Sosia no fuera  
Te daré, si te pluguiera,  
Licencia que todo seas.

Y acógete luego, amigo,  
A buscar tu nombre, digo,  
Pues Dios vida te dejó;  
Que el Sosia queda conmigo.

SÓSIA

Pues contigo quedo yo,  
Dios quede, hermano, contigo.  
Ahora quiero ir allá  
Donde mi Señora está,  
Contarle como es venido  
Mi Señor. Mas, oh perdido!

Si otro yo tiene allá,  
Todo lo tendrá sabido.

MERCÚRIO

Ah, hombre!

SÓSIA

Mi voz sonó.

MERCÚRIO

Aonde vuelves ahora?

SÓSIA

Por Dios!, no sé dónde voy,  
Porque si yo no soy yo,  
Ni Almena es mi Señora...

MERCÚRIO

Adonde vas?

SÓSIA

Con mensaje  
Del Señor Anfatrion  
Para Almena.

MERCÚRIO

Adó, salvaje?  
Pues quebraste la homenaje,  
Ahí verás tu perdición.  
Yo te doy consejos sanos,  
Y porfias otra vez?

SÓSIA

Altos Dioses soberanos!  
Pues me no valen las manos,  
Aqui me valgan los pies. (Foge)

MERCÚRIO

Desta arte enseñan aquí  
A hurtar el nombre ajeno?

Vai-se, e torna Sósia e diz

SÓSIA

Ay Dios, cómo me acogí!  
Ó Júpiter, alto y bueno,  
Cuán cerca la muerte vi!  
Quiérome ir a mi Señor  
Contarle cuánto he pasado;  
Y él me dirá de grado,  
Si yo soy su servidor,  
En que cosa me he tornado.

(Vai-se Sósia, e vêm Júpiter e Almena, e diz)

JÚPIRER

Toda a pessoa discreta  
Terá, senhora, assentado,  
Que um bem muito desejado  
Se há-de alcançar por dieta,  
Para ser sempre estimado.

E quem alcançado tem  
Tamanho contentamento,  
Por conservá-lo convém  
Que tome por mantimento  
A fome de tanto bem.  
Por isso hei-de tomar  
Este tempo tão ditoso  
Para a frota visitar;  
E depois, quando tornar,  
Tornarei mais desejoso.

Que pois tão bom cativoiro  
Me tem presa a liberdade,  
Eu lhe prometo em verdade  
Que torne ainda primeiro  
Que mo peça a saudade.

ALMENA

Ainda que se possa ir  
Mais asinha do que creio,  
Como hei-de consentir  
Que se haja de partir  
Na mesma noite que veio?

JÚPITER

Forçada é minha tornada,  
Mas muito cedo virei;  
Porque, desque foi chegada  
A este porto a armada,  
Ainda a não visitei.

ALMENA

Pois, Senhor, tão pouco estais  
Com quem vistes inda agora?  
Faça-se como mandais.

JÚPITER

Vós me vereis cá, Senhora,  
Primeiro do que cuidais.

Vão-se e vêm Anfatrião e Sósia, e diz

ANFATRIÃO

Enfim, tu, que estás aqui,  
Estavas já lá primeiro?

SÓSIA

Señor, crea que es así.  
Anfatriño Eu nunca entendi de ti  
Que eras também chocarreiro.

SÓSIA

Señor, yo que estoy presente,  
No soy Sosia su criado?

ANFATRIÃO

Creio que não, certamente,  
Porque Sósia era avisado,  
E tu és mui diferente.

SÓSIA

Pues, Señor, si en mí se ve  
Que no soy quién antes era,  
Vuélvome.

ANFATRIÃO

E para quê?

SÓSIA

Ver se a dicha me quedé  
Durmiendo por la galera.

ANFATRIÃO

Pois me queres fazer crer  
Uma doudice tão rasa,  
Mais quero de ti saber:  
Como não entraste em casa  
De Almena, minha mulher?

## SÓSIA

Aunque Sosia quisiese,  
La verdad no negará:  
Aquel yo que allá está,  
No quiso que a casa fuese  
Este otro yo, que iba a allá.  
Y con furia tan crecida  
A mí se vino aquel hombre,  
Que yo me puse en huida,  
Y así le dejé mi nombre  
Por me dejar él la vida.

## ANFATRIÃO

Quem seria tão ousado,  
Que tanto mal te fizesse?

## SÓSIA

Yo mismo, Sosia llamado,  
Que a casa era ya llegado,  
Antes que de acá partiese.

## ANFATRIÃO

Tu chegaste antes de ti?!  
Este é gentil desbarate!

## SÓSIA

Pues más le digo de aquí,  
Que vengo huyendo de mí,  
Porque yo mismo no me mate.

## ANFATRIÃO

Eram dois, ou era um só,  
Quem te fez assim fugir?

## SÓSIA

Pésete quién me parió!  
Digo que era un sólo yo!  
Mil veces lo he de decir?  
Puede ser que nacería  
De aquel hombre otro alguno,  
Como aquel de mí nacía;  
Porque aunque fuese él uno

Por más de cuatro tenía.

Él tenía mi apariencia,  
Aunque yo nunca vi  
Tal fuerza, ni tal potencia.  
Esta sola diferencia  
Le tengo hallado de mí.

ANFATRIÃO

Pudeste dele saber  
Cujo era?

SÓSIA

Quién? Aquél yo?  
Tuyo, Señor, dijo ser.

ANFATRIÃO

Nunca eu tive mais que um só,  
E esse não quisera ter.

SÓSIA

Pues, Señor, si el bien doblado  
Te lo muestra agora Dios,  
Debe ser de ti alabado;  
Pues de un solo criado  
Te ha hecho agora dos.

ANFATRIÃO

Antes para que conheças,  
Que cousa é mau servidor,  
Me pesará se assim for,  
Que de tão ruins cabeças,  
Quantas mais, tanto pior.

E já que são tão incertos  
Teus ditos para se crer,  
Muito melhor deve ser  
Que deixe teus desconcertos,  
E vá ver minha mulher.

(Vão-se, e entra Almena e diz)

ALMENA

Que fado, que nascimento

De gente humana nascida,  
Que, de escasso e avarento,  
Nunca consentiu na vida  
Perfeito contentamento!

Anfatrião, que mostrou  
Um prazer tão desejado  
A quem tanto o desejou,  
Na noite que foi chegado,  
Nessa mesma se tornou!  
De se tornar tão asinha  
Sinto tanto entristecer  
O sentido e alma minha,  
Que certo que me adivinha  
Algum novo desprazer.

Mas parece este que vem,  
Se não estou enganada.  
Se ele é, venha com bem,  
Pois que com sua tornada  
Tão transtornada me tem.

(Entra Anfatrião e Sósia, e diz)

ANFATRIÃO

Com que palavras, Senhora,  
Poderei engrandecer  
Tão sublimado prazer,  
Como é ver chegada a hora  
Em que vos pudesse ver?

Certo grão contentamento  
Tive de meu vencimento;  
Mas maior o hei de mim,  
De me ver posto no fim  
De tão longo apartamento.

ALMENA

Já disse eu o que sentia  
De vinda tão desejada.  
Mas diga-me, todavia:  
Como não foi ver a armada,  
Que me disse hoje este dia?

ANFATRIÃO

Dela venho eu inda agora  
Desejoso de vos ver,

Muito mais que de vencer.  
Mas que me dizeis, Senhora?  
– Que hoje me ouviste dizer?!

ALMENA

Se não estava remota,  
Certamente que lhe ouvi,  
Quando hoje partiu daqui,  
Que tomava a ver a frota,  
Que era forçado assi.

ANFATRIÃO

Sósia!

SÓSIA

Señor, aquí estoy yo.

ANFATRIÃO

Tu ouves tal desconcerto?

SÓSIA

Grandes orejas ganó,  
Pues estando en casa oyó  
Quién estaba allá nel puerto!

ANFATRIÃO

Quando dizeis que me ouvistes?

ALMENA

Hoje, quando vós partistes.

ANFATRIÃO

Donde?

ALMENA

Daqui, de me ver.

ANFATRIÃO

Nunca vi grande prazer  
Que não tenha os cabos tristes!

Quantos males de improviso  
Que causam grandes mudanças!  
Que mulher de tanto aviso,  
Agora minhas lembranças  
A têm fora de juízo!

ALMENA

Quereis-me fazer cuidar  
Que poderia sonhar  
O que pelos olhos vi?  
Nunca vos eu mereci  
Quererdes-me experimentar.

ANFATRIÃO

Posto que é para pasmar  
Ver um caso tão estranho,  
Todavia hei-de atentar,  
Se poderei concertar  
Um desconcerto tamanho.  
Quando dizeis que vim cá?

ALMENA

Esta noite que passou.

ANFATRIÃO

Dai-me alguém que aqui se achou,  
Que me visse.

ALMENA

Esse que aí está,  
Sósia, que convosco andou.

ANFATRIÃO

Sósia, podes-te lembrar  
Que ontem me viste aqui?

SÓSIA

Nunca yo supe de mí  
Que me pudiese acordar  
De aquello que nunca vi.

ALMENA

Ora eu creio, e é assi,  
Que ambos vindes conjurados  
Para zombardes de mi;  
Mas eu darei hoje aqui  
Sinais que sejam provados.

ANFATRIÃO

Que sinais pode i haver  
De mentira tão notória,  
Que nem foi, nem pode ser?

ALMENA

Donde vim eu a saber  
Novas de vossa vitória?

ANFATRIÃO

Que novas?

ALMENA

Dir-vo-las-ei,  
Assim como mas contastes:  
Que na batalha matastes  
Aquele soberbo rei,  
E tudo desbaratastes.

Não fazendo resistência  
Numa batalha tão crua,  
Dando-vos obediência,  
Vos deram uma copa sua,  
Lavrada por excelência.

ANFATRIÃO

Sósia é culpado só  
Nestes acontecimentos.

SÓSIA

Señor, son encantamientos,  
Porque aquel hombre, que es yo,  
Le contaria estos cuentos.

ANFATRIÃO

Quem é esse que vos deu

Tais novas, saber queria.

ALMENA

Quem mo pergunta.

ANFATRIÃO

Quem? Eu?!  
Quereis-me fazer sandeu?

ALMENA

Mas vós me fazeis sandia.

ANFATRIÃO

Ora quero eu perguntar:  
Que fiz, sendo aqui chegado?

ALMENA

Pusemo-nos a cear.

ANFATRIÃO

E depois de ter ceado?

ALMENA

Fomo-nos ambos deitar.

ANFATRIÃO

Nunca queira Deus que possa  
Achar-se na minha honra  
Nenhuma falta nem moessa!  
Seja isto doudice vossa,  
Antes que minha desonra.

SÓSIA

Bien lo supe yo entender,  
Que era esto encantaciones;  
Y ahora me habrá de creer  
Que dos Sosias puede haber  
Pues hay dos Anfatriones.

ALMENA

Com me quererdes tentar  
Tão torvada me fizestes,  
Que não me pôde lembrar  
Que vos mandasse mostrar  
A copa que ontem me destes.

ANFATRIÃO

Eu? copa?! se isso aí há,  
Que estou doudo cuidarei.

SÓSIA

Señor, bien guardada está.

ALMENA

Brómia!

BRÓMIA

Senhora!

ALMENA

Dai cá  
A copa que ontem vos dei.

SÓSIA

Pues yo parí otro yo,  
Y vos otro Anfatrion,  
No es mucha admiración,  
Si la copa otra parió,  
Ni aun fuera de razón.

Entra Brómia com a copa, e diz

BRÓMIA

Eis aqui a copa vem,  
Testemunho da verdade.

ANFATRIÃO

Oh! estranha novidade!

ALMENA

Poder-me-á dizer alguém

Que o que digo é falsidade?

ANFATRIÃO

Sósia, quando ontem cá vinhas,  
Poder-me-ás negar, ladrão,  
Que lhe deste as novas minhas,  
E mais a copa que tinhas  
Guardada na tua mão?

SÓSIA

Señor, que no pude, no,  
Ver a mi Señora Almena:  
Se aquel eso acá ordenó,  
No lleve yo la pena  
Del mal que hizo el otro yo.

ANFATRIÃO

Ora eu não sei entender  
Tal caso, nem lhe acho fundo.  
Contudo venho a dizer  
Que há tantos males no mundo,  
Que tudo se pode crer.  
Se vos trazer quem vos diga  
Como esta noite dormi  
Na nau, crereis que é assi?

ALMENA

Nenhuma cousa me obriga  
A que não creia o que vi.

ANFATRIÃO

Se o patrão aqui vier,  
Que é homem de autoridade,  
Crereis o que vos disser?

ALMENA

Sim, que ninguém pode haver  
Que me negue esta verdade.

ANFATRIÃO

Eu estou em conclusão  
De hoje desembaraçar  
Tão enleada questão,

À nau me quero tornar  
A trazer cá Belferrão.

Sósia, até minha tornava  
Fica nesta casa em vela;  
Que eu armarei tal cilada  
A quem ma a mim tem armada,  
Que venha hoje a cair nela.

(Vai-se, e diz)

ALMENA

Oh! mulher triste e suspensa  
Da mais alta confusão  
Que nunca viu coração!  
Em que mereces a ofensa  
Que te faz Anfatrião?

Sempre de mim foi amado,  
Tanto quanto em mim se sente,  
Co'o coração tão liado,  
Que se de mim era ausente,  
Nele o via figurado.  
E pois mulher que cumprisse  
Melhor que eu fidelidade,  
Não na vi, nem quem me visse  
Que dos limites saísse  
Um pouco de honestidade;

Pois porque é tão maltratada  
Inocência tão singela,  
Que a pena mais apertada,  
É a culpa levantada  
Ao coração livre dela?  
Mas já que minha alma está  
Sem culpa do que padeço,  
Seja o que for; que eu conheço  
Que a verdade me porá  
No que eu pola ter mereço.  
Brómia!

BRÓMIA

Senhora!

ALMENA

I mandar  
A Feliseu que vá

Meu primo Aurélio chamar,  
Que lhe quero perguntar  
Que conselho me dará.  
E pois que Anfatrião  
Vai buscar somente quem  
Lhe ajude a sua tenção,  
Quero eu ter aqui também  
Quem me defenda a razão.

(Vai-se Brómia e vem Júpiter, e diz)

JÚPIRER

Grão desconcerto têm feito  
Anfatrião com Almena!  
Qualquer deles tem direito.  
Eu sou o que vence o preito,  
E ambos pagam a pena.  
Quero-me ir lá desfazer  
Tão trabalhosa demanda,  
Por nos tornarmos a ver;  
Porque, enfim, quem muito quer  
Com qualquer desculpa abranda.

E pois que a afeição  
Há-de mudar tão asinha,  
Quero ir alcançar perdão  
Da culpa, que, sendo minha,  
Parece de Anfatrião.

ALMENA

Parece que torna cá  
Anfatrião, que já se ia.  
Não sei a que tornará,  
Senão que lhe pesa já  
Dos enganos que tecia.

JÚPITER

Senhora, não haja error  
Que tantos males me faça;  
Porque, se o contrário for,  
Pequeno será o amor,  
Que manencória desfaça.  
E pois com tanta alegria  
De tantos perigos vim,  
Pesar-me-á se achar no fim  
Que uma leve zombaria  
Vos possa agravar de mim.

ALMENA

Com palavras de desonra  
Não se há-de tratar quem ama;  
Nem zombaria se chama,  
Por experimentar a honra,  
Pôr em tal perigo a fama.  
Bem tive eu para mim  
Que era aquilo experiência.

JÚPITER

Errei no que cometi.  
Bem me basta a penitência  
De quanto me arrependi.

E se fiz algum error,  
Com que vosso amor se mude  
De quem vo-lo tem maior,  
Não experimentei virtude,  
Mas experimentei amor,  
Que, se com caso tão vário  
Folguei de vos agastar,  
Foi amor acrescentar;  
Porque às vezes um contrário  
Faz seu contrário avivar.

Daqui vem que a leve mágoa  
Firmeza, afeições aumenta,  
Como bem se vê na frágoa,  
Onde o fogo se acrescenta,  
Borrifando-o com pouca água.  
Se um mal grande se alevanta  
Num coração que maltrata,  
A afeição desbarata;  
Porque onde a água é tanta,  
O fogo de amor se mata.

E pois tive tal tenção,  
Perdoai, Senhora, a culpa  
Deste vosso coração.

ALMENA

Não se alcança assim perdão  
Do erro que não tem desculpa.

JÚPITER

Ora pois assim tratais  
Quem em tanto risco pôs  
O amor que vós negais,  
Eu me ausentarei de vós,  
Onde mais me não vejais.

Que, pois desculpa não tem  
Coração que tanto quer,  
Vou-me; que não será bem  
Que quem vós não podeis ver,  
Que possa mais ver ninguém.  
Se alguma hora meu cuidado  
Vos der dor, em que pequena,  
Peço-vos, pois fui cuidado,  
Que vos não pese da pena  
De quem vos foi tão pesado.

E depois que a desventura  
Puser este coração  
Debaixo da sepultura,  
As letras na pedra dura  
Vossa dureza dirão.  
Isto vos hei-de dizer,  
Que me ensinou minha dor:  
Se quiserdes leda ser,  
Nunca experimenteis amor  
Em quem vo-lo não tiver.

Deixai-me ir; não me tenhais.

ALMENA

Anfatrião, não choreis!  
Anfatrião!

JÚPITER

Que quereis,  
Ou para que nomeais  
Homem que ver não podeis?

ALMENA

Anfatrião, se eu causei  
Com manencória pequena  
Cousa, com que o magoei,  
Eu quero cair na pena  
Dessa culpa que lhe dei.

JÚPITER

Sempre serei magoado  
Se vossa má condição  
Me não perdoa o passado.

ALMENA

Perdoo, e peço perdão  
De lhe não ter perdoado.

SÓSIA

No le perdone, Señora,  
Hasta que con devoción  
También me pida perdón;  
Que bien se me acuerda ahora  
Que me ha llamado ladrón.

JÚPITER

Sósia!

SÓSIA

Señor!

JÚPITER

Vai buscar  
O piloto Belferrão;  
Dir-lhe-ás, se desembarcar,  
Que me parece razão  
Que venha hoje cá cear.

SÓSIA

Sí, Señor, voy a la hora.

JÚPITER

De nenhuma qualidade  
Cures de fazer demora.  
E nós vamo-nos, Senhora,  
Confirmar nossa amizade.

(Vão-se e vem Mercúrio, e diz)

MERCÚRIO

Grandes revoltas vão lá,

Grandes acontecimentos!  
Cumpre-me que esteja cá,  
Enquanto meu pai está  
Em seus desenfadamentos.  
Porque vejo Anfatrião  
Vir da nau mui apressado;  
E, tendo corrido e andado,  
Não pôde achar Belferrão,  
Que lhe era bem escusado.

Parece-me que virá  
Ver se lhe abre aqui alguém;  
Mas, porém, se chega cá,  
Já pode ser que se vá  
Mais confuso do que vem.

Entra Anfatrião e diz

ANFATRIÃO

Quis-nos nossa natureza  
Com tal condição fazer,  
Que já temos por certeza  
Não haver grande prazer  
Sem mistura de tristeza.

Este decreto espantoso,  
Que instituiu nossa sorte,  
É tal e tão rigoroso,  
Que ninguém antes da morte  
Se pode chamar ditoso.  
Com esta justa balança  
O fado grande, profundo,  
Nos refreia a esperança,  
Porque ninguém neste mundo  
Busque bem-aventurança.

Eu, que cuidei de viver  
Sempre contente de mi  
Com tamanho rei vencer,  
Venho achar minha mulher  
De todo fora de si.  
Mas de outra parte, que digo?  
Que, se é verdade o que vi,  
E o que ela diz é assi,  
Virei a cuidar comigo  
Que eu sou fora de mi.

Quero ver se a acho já  
Fora de tão secos nós.

Ó de casa!

MERCÚRIO

Ó de allá!  
Quién sois?

ANFATRIÃO

Abre!

MERCÚRIO

Santo Dios!  
Pues no os conocen acá.

ANFATRIÃO

Oh! que gentil desvario!  
Abri-me ora, se quiserdes.

MERCÚRIO

No haré, que en mí confío.  
Que de fuera dormiredes,  
Que no conmigo, amor mío.

(Qué canción para oír!)

ANFATRIÃO

Ah Sósia! zombas de mi?  
(Ora querome fingir  
Que ainda o não conheci,  
Por ver se me quer abrir)  
Ah Senhor, não abrireis?

MERCÚRIO

Qué quereis, hombre, por Dios?

ANFATRIÃO

Duas palavras de vós.

MERCÚRIO

Tengo dicho más de seis,  
E ahora me pedís dos?

De fuera podeis dormir,  
Que no podeis entrar acá.

ANFATRIÃO

Ora acabai, abri lá!

MERCÚRIO

Digo que no quiero abrir:  
Dije dos palabras ya.

ANFATRIÃO

Ora sus, bargante, abri?

MERCÚRIO

Si no te vuelvas de aquí,  
A gran peligro te ofreces.  
Anfutrião Velhaco, não me conheces,  
Ou estás fora de ti?

MERCÚRIO

Bonico venís, amor.  
Quién sais, que hablais tan osado?

ANFATRIÃO

Abre, que sou teu Senhor!

MERCÚRIO

Vuélvase de ese otro lado,  
Y le conoceré mejor.

ANFATRIÃO

Sósia, moço!

MERCÚRIO

Así me llamo,  
Huélgome que lo sepais;  
Empero digo que os vais,  
Que Aufatrion es mi amo;  
Vos id buscar quién seais.

ANFATRIÃO

Pois quero saber de ti:  
Eu quem sou?

MERCÚRIO

Y quién sois vos?  
Cómo os llaman?

ANFATRIÃO

Abri!

MERCÚRIO

A vos os llaman "Abri"?  
Pues Abri, andad con Dios!

ANFATRIÃO

Quem há, que possa sofrer  
Em sua honra tal destroço,  
Que para me endoudecer  
Me tem negado a mulher,  
E agora me nega o moço?

MERCÚRIO

Mira el encantador  
Cómo se lastima y llora!  
Y fuese tomar ahora  
La forma de mi Señor,  
Para engañar mi Señora!  
Pues esperad, y no os vayais,  
Por un espacio pequeño;  
Vendrá quién representais,  
Y él os hará que volvais  
El falso gesto a su dueño.

Anfatrião Vai, velhaco, e chama cá  
Esse falso feiticeiro;  
Que se ele lá dentro está,  
Qual de nós é o verdadeiro.

(Vai-se Mercúrio e vêm Sósia e Belferrão.)

BELFERRÃO

Ora ninguém presumira  
Que tinhas tão pouco siso;

Pois vás achar de improviso  
Tão bem forjada mentira,  
Que me faz cair de riso.  
Um moço, que alevantou  
Tal graça, nunca nasceu,  
Porque vos jura que achou  
Que ou ele em dois se perdeu,  
Ou de um dois se tornou.

SÓSIA

Patrón, que no burlo, no.  
En uno son dos unidos,  
Y en dos cuerpos repartidos;  
Yo soy él, y él es yo,  
De un padre y madre nacidos.

BELFERRÃO

Esse tu que lá estás  
Tão velhaco é como ti?

SÓSIA

Mas aún pienso que es más:  
Por delante y por detrás  
Todo se parece a mí.

Y fue gran merced de Dios  
Ayuntar a mí más uno,  
Que peor fuera de nos  
Si Dios me hiciera ninguno,  
Que no de uno hacer dos.

BELFERRÃO

Assim que, se te perdeste,  
Vieste a cobrar mais um!  
Mui gentil conta fizeste,  
Pois que perdido soubeste  
Que eras dois, sendo nenhum.

SÓSIA

Pues teneis por abusión  
Verdad tan clara y tan rasa,  
Aunque pone admración,  
Quiera Dios que allá en casa  
No halleis otro patrón.

ANFATRIÃO

O patrão que fui buscar  
Parece que vejo vir.  
Não sei quem o foi chamar.  
Mas que me há-de aproveitar  
Se me não querem abrir?

Ah! Belferrão!

BELFERRÃO

Ah Senhor!  
Já sinto que fui culpado,  
Porque quem é convidado,  
Se tão vagaroso for,  
Merece não ser chamado.

ANFATRIÃO

A vós quem vos convidou?

BELFERRÃO

Sósia, por mandado seu.

ANFATRIÃO

Disso, Patrão, não sei eu;  
Que Sósia já me negou,  
E já se não dá por meu.

E se alguém vos foi dizer  
Que eu vos chamo à minha mesa,  
Mal vos dará de comer  
Quem de todo lhe é defesa  
A casa e mais a mulher.

BELFERRÃO

Quem é esse tão ousado  
Que vos isso faz, Senhor?

ANFATRIÃO

Sósia, creio que enganado  
Por algum encantador,  
Que a honra me tem roubado.

BELFERRÃO

Se ele aqui comigo vem,  
Isso como pode ser?

ANFATRIÃO

Ah! que a ira que vou ter,  
Tão cega a vista me tem,  
Que mo não deixava ver.  
Por que razão, cavaleiro,  
Não me abris quando vos mando?  
Vós fazeis-vos chocarreiro?

SÓSIA

Yo, Señor? Y cómo? Y cuándo?

ANFATRIÃO

Quereis-lo saber primeiro?

Esperai, dirvo-lo-á,  
Mas será por outro som.

SÓSIA

Ah! Señor Anfatrion,  
Porqué matándome está,  
Sin delito y sin razón?  
Anjatrião Agora que vos eu dou  
Me chamais Anfatrião,  
E para me abrirdes não?

BELFERRÃO

Este moço em que pecou?  
Porque pena sem razão?

Não mais, por amor de mim!

ANFATRIÃO

Não, que não sou seu senhor:  
Eu sou um encantador.  
Não o fazeis vós assim,  
Ladrão, perro, enganador?

SÓSIA

Porque fui presto a llamar

Por su mandado al patrón,  
Me quiere ahora matar?

ANFATRIÃO

Quem vo-lo mandou buscar?

SÓSIA

Si no hay otro Anfatrion,  
Vuestra merced, sin dudar.

ANFATRIÃO

Eu te mandei?

SÓSIA

Si, Señor,  
Si otro no.

ANFATRIÃO

Outro há aqui,  
Por quem tu zombes de mi?  
Pois só desse encantador  
Me quero vingar em ti.

SÓSIA

Oh, Júpiter, a quién bramo  
Por su bondad que me vala!  
Pues porque Sosia me llamo,  
Yo mismo, y después mi amo,  
Me dieron venida mala!

(Entra Júpiter, e diz:)

JÚPITER

Quem é o tão atrevido  
Que aqui ousa de fazer  
Tão revoltoso arruído  
Com meus moços, sem temer,  
Que fui sempre tão temido?  
Quem aqui faz união,  
Toma mui grande despejo.

BELFERRÃO

Oh! grande admiração!  
Vejo eu outro Anfatrião,  
Que é sonho isto que vejo?

SÓSIA

No mirais la encantación  
Que aquél hizo a mi Señor?  
El que sale, Belferrón,  
Es el cierto Anfatrion,  
Que estoutro es encantador.

JÚPITER

Sósia!

SÓSIA

Mi Señor, ya vó.

JÚPITER

Patrão, por vós só espero.

SÓSIA

No os lo decía yo,  
Que éste era el verdadero,  
Y ése que allá queda, no?

ANFATRIÃO

Bargante, aonde te vás?  
Fazes teu senhor sandeu?  
Pois espera, e levarás!

JÚPITER

Olá, tornai por detrás,  
Não deis no moço, que é meu!

ANFATRIÃO

Vosso?!

JÚPITER

Meu!

ANFATRIÃO

Pode isto haver,  
Que outrem minhas cousas tome?!  
Vós galante haveis de ser,  
O que me tomais o nome,  
Casa, moços e mulher.

Eu vos farei conhecer  
Com quem tendes esse trato.

JÚPITER

Sósia!

SÓSIA

Señor!

JÚPITER

Vai dizer  
Que aparelhem de comer,  
Enquanto este doudo mato.

BELFERRÃO

Oh! Senhor, não seja assim,  
Haja em vós concerto algum!  
E senão, pois aqui vim,  
Farei que só tome em mim  
Os golpes de cada um.

JÚPITER

Patrão, vossa boa estrela  
Me fará deixar com vida  
Quem me não merece tê-la.

ANFATRIÃO

Não a tenho eu merecida,  
Pois que vos deixo com ela.

BELFERRÃO

O homem que for sisudo,  
Numa tão grande questão  
Há-de tomar por escudo  
A justiça e a razão,  
Que estas armas vencem tudo.

E pois nossa natureza  
Muitos homens fez iguais,  
Dê qualquer de vós sinais  
De quem é, para certeza  
Da forma que ambos mostrais.

JÚPITER

Sou contente de mostrar  
Pelos sinais que vos dou,  
Que são este sem faltar.

ANFATRIÃO

Que sinais podeis vós dar,  
Para que sejais quem sou?

JÚPITER

Estes, que logo vereis  
Se são vãos, se de raiz.  
Patrão, vós sede juiz,  
Que em vós logo enxergareis  
Qual mais verdade vos diz.

BELFERRÃO

Eu não sinto onde consista  
A cura desta doença;  
Que há tão pouca diferença,  
Que aquele em que ponho a vista,  
Por esse dou a sentença.

Mas, Senhor, vós que ordenastes  
Que o juiz disto fosse eu,  
Quando se a batalha deu,  
Dizei: que me encomendastes  
Que ficasse a cargo meu?

JÚPITER

Dei-vos cargo que estivesse  
Toda armada a bom recado,  
E, se mal vos sucedesse,  
Que para os vivos houvesse  
O refúgio aparelhado.

BELFERRÃO

Ora vós quantos dobrões  
Esse dia me entregastes?

ANFATRIÃO

Três mil; e vós os contastes.

BELFERRÃO

Ambos sois Anfatrião,  
Pelos sinais que mostrastes.

JÚPITER

Para ser mais conhecida  
A tenção deste sandeu,  
Vede est'outro sinal meu,  
Que é neste braço a ferida  
Que me El-Rei Terela deu.

BELFERRÃO

Mostrai vós, senhor, também.

ANFATRIÃO

Aqui o podeis olhar.

BELFERRÃO

Oh! causa para espantar!  
Que ambos a ferida têm  
Dum tamanho em um lugar!

(Vem Sósia)

SÓSIA

Dice mi Señora Almena  
Que no se ha así de estar  
Con un bobo a razonar,  
Que se le enfria la cena.

JÚPITER

Belferrão, vamos cear.

ANFATRIÃO

Belferrão, não me deixeis.

Como? Também me negais?

JÚPITER

Andai, não vos detenhais.  
Vamos comer, se quereis,  
Não ouçais um doudo mais.

ANFATRIÃO

Ah! maus! Assim me ordenais  
Ofensa tão mal olhada?  
Eu farei, se me esperais,  
Com que todos conheçais  
Os fios da minha espada.

JÚPITER

As portas prestes fechemos,  
Não entre este doudo cá.

SÓSIA

De fuera se dormirá.  
Entretanto que cenemos,  
Puede pasearse allá.

(Vão-se dentro e fica Anfatrião só, e diz)

ANFATRIÃO

Oh! ira para se não crer,  
Em que minha alma se abrasa,  
Que me faz endoudecer,  
E não me ajuda a romper  
As paredes desta casa!  
E porque não tenho eu  
Forças, que tudo destrua,  
Pois que tanto a salvo seu,  
Outrem acho que possua  
A melhor parte do meu?

Eu irei hoje buscar  
Quem me ajude a vir queimar  
Toda esta casa sem pena,  
Donde veja arder Almena,  
Com quem a vejo enganar.

(Vai-se Anfatrião e vem Aurélio e um moço, e diz)

MOÇO

No hallo a mis males culpa,  
Para que merezca pena  
La causa que me condena.  
Essa está gentil desculpa.  
Para hoje dar a Almena!

Tem-no mandado chamar;  
E ele está tão descuidado!

AURÉLIO

Moço, queres-me matar?  
Que desculpa posso eu dar  
Melhor que este meu cuidado?  
Moço E não há mais que fazer?  
Com isso a boca me tapa  
Para mais nada dizer?

AURÉLIO

Ora dá-me cá essa casa,  
E vamos ver o que quer.

Não trates de mais razão,  
Pois não há quem te resista.

(Entra Anfatrião, e diz)

AURÉLIO

Que vejo? outra novação?

MOÇO

Que é?

AURÉLIO

Ou me mente a vista,  
Ou eu vejo Anfatrião.  
Moço Eu ouvi a Feliseu,  
Quando cá trouxe o recado,  
Como ele era chegado,  
E quis-me dizer que veio  
Do siso desconcertado.

AURÉLIO

Isso quero eu saber,  
Pois que tal causa se soa.  
Senhor, pode-se dizer  
Que a vinda seja mui boa?

ANFATRIÃO

Essa não pode ela ser.

AURÉLIO

Porque não?

ANFATRIÃO

Porque é roubada  
Minha honra sem temor,  
E minha casa tomada  
E vossa prima enganada  
Por um grande encantador.

AURÉLIO

Isso é certo?

ANFATRIÃO

E manifesto.  
E tudo tem já por seu;  
Adúltero e desonesto:  
Tem-me tomado o meu gesto,  
E faz-lhe crer que sou eu.

AURÉLIO

Contais um caso de espanto!  
E pois não podeis entrar,  
Defendei-me por entanto,  
Que eu hei-de lá chegar  
Para ver quem pode tanto.

(Vai-se Aurélio dentro, e diz)

ANFATRIÃO

Se ver desonra tão crara  
Me não tivera o sentido  
Totalmente endoudecido,  
Que gravemente chorara  
Ver tão grande amor perdido!

E quando vejo a verdade  
Do nosso amor e amizade  
Desfeito com tanta mágoa,  
Enchem-se-me os olhos de água  
E a alma de saudade.

Assim que quis minha estrela,  
Para nunca ser contente,  
Que agora, estando presente,  
Viva mais saudoso dela,  
Que quando dela era ausente.  
Esta porta vejo abrir  
Com ímpeto demasiado,  
Que poderei presumir,  
Que vejo Aurélio sair  
Como homem desatinado.

(Vêm Aurélio; Belferrão e Sósia, e diz)

AURÉLIO

Oh! estranha novidade!  
Oh! cousa para não crer!

BELFERRÃO

Venho cego de verdade,  
Que não poderão sofrer  
Meus olhos a claridade.

SÓSIA

Oh, triste, que vengo ciego  
Con rayos y con visiones!  
Y de estas encantaciones,  
Si nuestra casa arde en fuego,  
Han se de arder mis colchones.

AURÉLIO

Vamos a Anfatrião  
Contar-lhe cousas tamanhas.

ANFATRIÃO

Que vai lá? que cousas vão?

AURÉLIO

Maravilhas tão estranhas,

Que me treme o coração!  
Porque aquele homem, que assi  
Tantos enganos teceu,  
Como era cousa do Céu,  
Tanto que apareci,  
Logo desapareceu.

E em desaparecendo,  
Com ruído grande e horrendo,  
Toda a casa alumiou;  
E de arte nos inflamou,  
Que nos vimos acolhendo  
Do raio que nos cegou.  
Estes acontecimentos  
Não são de humana pessoa.  
Vós ouvis a voz que soa?  
Escutai, estai atentos;  
Vejamos o que pregoa.

(Voz de Júpiter, de dentro)

JÚPITER

Anfatrião, que em teus dias  
Vês tamanhas estranhezas,  
Não te espantem fantasias,  
Que às vezes grandes tristezas  
Parem grandes alegrias.  
Júpiter sam manifesto  
Nas obras de admiração,  
Que por mim causadas são.  
Quis-me vestir em teu gesto,  
Por honrar tua geração.

Tua mulher parirá  
Um filho de mim gerado,  
Que Hércules se chamará,  
O mais valente e esforçado,  
Que no mundo se achará.  
Com este, teus sucessores  
Se honrarão de ser teus;  
E dar-lhe-ão os escritores,  
Por doze trabalhos seus,  
Doze milhões de louvores.

E dessa ilustre fadiga  
Colherás mui rico fruto.  
Enfim, a razão me obriga  
Que tão pouco dele diga,  
Porque o tempo dirá muito.

